

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 6 – Arte e Amor

I

– Yo te lo aseguro, nunca fallarás. Cuando tu respondas...

– Haha! Outra vez, Carol – denunciava Michael o comportamento de sua companheira. É a terceira vez hoje. Você faz sem perceber mesmo?!

– Aíííí! – Exclamava a garota visivelmente perturbada, não com o seu companheiro, mas consigo mesma. Não tem jeito! É um hábito que não consigo deixar! Ah, desde criança, sempre que eu fico nervosa, eu cantarolo essa música e, quando percebo, já cheguei no primeiro refrão.

De fato, Michael percebeu em Carol esse padrão. Já havia uma semana que o campeonato interno de pintura acontecera. Desde que ficou em terceiro lugar, a menina dos cabelos de ouro cantarolava essa música estranha algumas vezes por dia. Michael ainda não se convencera de que a garota fazia sem intenção. Em sua mente, ela a cantava assim para brincar com ele. Esses pensamentos começaram a abandonar a mente de Michael por conta da continuidade do hábito. Sim, por uma semana inteira aquilo se repetia, e Carol não era tão brincalhona assim, Michael bem o sabia.

– Ainda me impressiona ver você a cantar em espanhol – dizia o garoto.

– Eu já disse. Meu pai contratou uma babá quando eu tinha 5 anos. Eu não sei bem de onde ela era, mas ela gostava muito dessa série mexicana. Eu não me lembro do nome, na verdade, mas na série, que ela tinha em VHS, os personagens cantaram essa música uma vez. Eu nunca esqueci, até a letra me ficou na memória. Diga “Churi Churin Fun Flais” quando não souber uma coisa, ou quando não quiser responder. Não me pergunte por que, mas isso continua na minha mente desde a primeira vez que ouvi. E, seja por que for, parece que meu cérebro começa a tocar essa música sempre que meu nervosismo quer aparecer.

– E eu já entendi isso – respondia o garoto que pacientemente ouvia a mesma história pela terceira vez na semana –, mas você ainda está nervosa por causa do campeonato de pintura?

Carol ficou calada e apenas encostou a cabeça ao ombro do companheiro que entendeu bem o significado daquele comportamento. Michael não compreendia todo o amor e importância que Carol imputava às telas que criava, ele próprio nunca se importou tanto por perder um campeonato de karate. Mesmo sem entender, entretanto, o garoto a compreendia. Ele acompanhou por quase 4 meses o esforço de Carol para, por fim, representar o jardim principal em uma tela. Ela não se contentou sequer com o trabalho finalizado; “Ainda não está certo”, dizia ela, embora Michael contemplasse a beleza em cada uma das telas representando o jardim. Havia na menina um bom tanto do sentimento de perfeição que somente os melhores buscam no que fazem. Michael percebeu logo de cara que, embora fosse curioso sem limites, Carol buscava fazer aquilo que amava como ninguém jamais conseguiu antes; ela tentava superar abismos diariamente, mas tais abismos eram tão somente o quão bem ela fora da última vez. Não havia uma competição sincera contra outros pintores, ela só queria ser melhor que ela mesma.

– Minha querida – começou Michael –, eu não sei se você pode esquecer isso por enquanto, mas eu gostaria que lembrasse de algo melhor. Veja – apontava o pequeno rio que passava perto da propriedade da fundação –, lá está a paisagem que você tanto queria me mostrar. É realmente bela de se ver, e agora entendo porque esperou a primavera chegar antes de me mostrar. Você está comigo aqui. Estamos, nós

dois, sentados lado a lado admirando um cenário tão bonito. Se for possível, lhe peço que se deixe levar pelos sentimentos que tem por mim, e junte-os ao belo sentimento que nutre por este lugar. Eu não acredito que você conseguirá pensar em algo triste se fizer dessa forma.

De fato, aquela era uma bela manhã. Datava 9 de maio de 2013. A primavera proporcionava uma bela visão do pequeno rio e da plantação baixa que o acompanhava. O muro que fazia a divisa da fundação com o exterior não permitia que se visse aquilo do lado de dentro, mas sentado – como os dois estavam – em cima da pequena torre que outrora servira de abrigo a algum vigilante, nesse local era fácil de ver todo aquele cenário. Carol postergou o momento de mostrá-lo a Michael, pois queria um dia de primavera perfeito para fazê-lo.

Enfim, o dia chegou. Uma bela manhã, a qual talvez não durasse muito mais, pois o tempo ameaçava mudar para um clima mais chuvoso em alguns poucos minutos. Já havia dois meses, completados no último dia 4, que Michael Makoto e Carol Adams formaram publicamente um casal. Eram, até onde eles sabiam, os únicos que namoravam com alguém da fundação. Christian Levine ficou mais que desgostoso ao saber da novidade da qual já há muito suspeitava, passou, portanto, a ficar distante de Carol. Tudo isso, para a garota, foi difícil, mas ela não ficou abalada, tal era a felicidade que lhe causava Michael em comparação à perda de um amigo que voluntariamente deixara de agradecer-se de sua companhia.

Dados esses fatos, é compreensível que Michael temesse a dor que poderia corroer sua amada na última semana. Em alguns momentos, quando a ociosidade se fazia mais presente, ela cantarolava a canção do programa mexicano. Isso demonstrava o quão frequentemente o coração da jovem era invadido por uma dor ou preocupação que não eram naturais. As seguidas vezes que ela repetiu “Estou bem, não é nada demais” ou “Só estou um pouco desanimada, mas vai passar”, nada disso despreocupou Michael, antes, o preocupava mais. Para sua surpresa – e de certa forma, para seu alívio –, o que a jovem de cabelos de ouro disse-lhe em seguida foi algo que lhe tirou um peso dos ombros.

– Sabe – começou ela, depois de um breve momento de silêncio –, eu não estou bem. Eu sei que eu disse que estou, mas a verdade é que eu não estou, e agora é que desisti de tentar me enganar. Eu queria muito vencer aquele campeonato. Não vou conseguir explicar o motivo, mas é um desejo muito forte, extraordinariamente forte. E, em algum momento, eu realmente comecei a acreditar que venceria. Algo me dizia que eu venceria aquele campeonato, e isso se transformou em certeza.

Novamente, ela calou-se, como se algo lhe sufocasse a garganta. Michael não falou nada, estava ali para ela, para ouvi-la e tentar dar-lhe algum conforto. Alguns segundos se passaram e a garota continuou.

– Quando aquela certeza se desfez. Quando eu percebi que não havia conseguido, que minha criação fracassou... – a voz da garota se tornou como a de alguém que está a beirar as lágrimas; calou-se, pois, mais uma vez por alguns segundos, mas no instante seguinte continuou a falar com as lágrimas correndo pela face e voz audivelmente afetada. Ah, eu... eu não sei. Amor, foi como se... se... se eu visse um ente querido morrer...

Fez silêncio. A jovem recostou a face contra o ombro de seu namorado. Logo em seguida, olhou-o nos olhos, com uma expressão que pedia socorro, quase como se temesse que o momento se repetisse naquele mesmo instante.

– Não... – retomou ela. Não é a mesma coisa, mas foi como na noite em que soube da morte de meu pai...

– Querida, você...

– Não, Michael, me deixe falar! – ela o interrompia quase que com raiva; mas o silêncio que ela permitiu se fazer no instante em que se calou demonstrava o sentimento que a atravessou por ter dito aquilo; um sentimento que foi expresso pela próxima palavra que ela, com a voz quase totalmente apagada, dissera: – Desculpa.

– Amor – tentou Michael mais uma vez –, eu quero ajudar você. Entenda que o seu sofrimento também é meu! Não dá pra ver você assim sem que me doa até a alma!

De fato, Carol não precisou olhar o rosto de seu companheiro para perceber que ele também beirava as lágrimas.

– Carol – continuou o jovem Makoto –, eu fico feliz que você tenha se aberto pra mim. Talvez agora eu possa te ajudar.

– Me ajudar?

– Claro!

– Michael... você já me ajuda muito. Eu não sei o que eu teria feito nessa semana que se passou se não visse você todos os dias. Eu tenho que te agradecer, isso sim. Você é que alegrou todos esses dias que se passaram. Ver você era a única coisa que me fazia sorrir. Ah, Amor, se não fosse você...

Foi a vez de Michael recostar-se a ela. Passara os braços em volta do corpo de Carol de maneira que, sentados como estavam, alguém que estivesse do outro lado do rio não saberia dizer com certeza se eram duas pessoas realmente.

– Eu sempre vou estar aqui pra você, meu amor – declarou Michael. Conte comigo pra estar com você em qualquer situação. Eu sempre vou estar lá pra você.

O jovem Makoto estava diante de uma situação completamente nova. Ele certamente nunca havia sentido por alguém o que sentia por Carol. Além disso, estava preocupado há uma semana com a saúde mental de sua namorada, pois ela nunca se mostrou aberta para ninguém, nem mesmo para Michael. Hoje, no entanto, por algum motivo, ela tirava a armadura que outrora vestiu. Mostrava agora sua parte fraca e parou de esconder-se atrás de uma canção, a qual Michael agora pensava que servia exatamente como escudo para seu coração.

Não importava mais a confusão que se fazia no coração do jovem Makoto. Ele agora estava decidido. Não se conheciam há muito tempo, mas ele decididamente amava Carol. Aquela jovem era alguém sem igual aos olhos de Michael e, desde que começou a vê-la pintar, mas principalmente nos últimos minutos, ela passou a ser algo mais precioso para... Carol Adams passou a ser algo insubstituível para Michael.

– Querido – dizia ela –, eu não tenho mais o que esconder de você. Não tenho mais medo que me julgue como fraca, ou que se sinta maior que eu. Eu confio em você, e é por isso que não tenho medo de falar o que já tenho certeza: eu te amo, Michael Makoto. Eu só amei dois homens na minha vida, meu pai e você.

Um sorriso furtivo passou pelos lábios de Michael.

– Bem – disse ele –, só que o amor que você sente por mim e pelo seu pai são tipos diferentes. Hehe.

– Tem razão – disse ela, resoluta –, eu amo meu pai, ele morreu e eu continuo viva; no entanto, eu amo você e, se você morresse, eu tenho certeza que morreria também.

Foi a gota d'água para o jovem Michael. As lágrimas que apenas umedeciam-lhe os olhos passaram a banhar-lhe a face. Essas últimas palavras de Carol tocaram seu íntimo de modo inédito. É inútil tentar descrever a intensidade desse sentimento e o quão sublime era a emoção que o arremeteu. Ele não sabia o que dizer em resposta. O que alguém poderia responder a isso?! Exatamente por esse motivo, Michael nada disse.

Nenhum dos dois jovens disse uma palavra sequer nos momentos seguintes. Só depois de quase meia hora, quando algumas gotas de chuva começaram a cair sem que eles dessem conta de ver as nuvens aproximarem-se, os jovens voltaram ao mundo real.

– Vamos para dentro do castelo – disse Michael.

Sua companheira não falou nada, Assentiu com a cabeça e levantou-se para seguirem juntos. Foi ao aproximarem-se do jardim que Carol se dera conta das horas. Eram quase 10 horas da manhã. Dali a 15 minutos o senhor Tresdent estaria na sala de pintura reunido com todos os seus alunos – o que incluía Carol – para dar início a mais uma nova temporada de descobertas maravilhosas. Ao menos, assim dizia Carol a Michael.

Assim, se despediram os dois. Tornariam a se encontrar apenas à noite. Até lá, Michael pensava em praticar mais dos exercícios de Amplificação e Movimentação da aura. Ele já estava bem nos dois quesitos, é verdade, mas longe de conseguir ser um bom manipulador. Assim, decidiu-se. Entraria no castelo – pela mesma porta que Carol acabara de atravessar –, cruzá-lo-ia para chegar ao bloco de instrução e iria ao tatame.

Tomou-se de culpa, pois deveria praticar mais karate para o campeonato interno que seria, provavelmente, em outubro. A culpa o abandonou quando recordou a luta entre Carlin Adams e seu pai. A luta que ele sequer conseguira acompanhar com os olhos. Ele precisava melhorar suas habilidades com a aura. Ora, já era muito bom em karate, mas sem manipular a aura corretamente, seria medíocre por toda a vida.

É isso! Vou treinar Amplificação e Movimentação o máximo que conseguir. Se Brian quiser, lutarei com ele e, depois, voltarei a encontrar Carol.

Com sua decisão tomada, dirigiu-se para o castelo. Atravessou o portão, mas não esperava encontrar o que viu. Aquele homem de rosto quase albino e vestido com roupas finas que lembravam um rei. Aquele homem sentado num sofá do salão principal do castelo. O que Sir Ektor fazia ali? Era totalmente diferente de seus hábitos. Aquele homem não passava muito tempo junto ao público, exceto nas ocasiões de eventos que demandavam sua presença.

Homem muito reservado, mas estava ali, num local onde todos poderiam vê-lo e falar com ele. Michael o notou de imediato, mas foi notado por ele um instante antes. Michael Makoto teve pouco tempo para conjecturar o que o mandatário da fundação – e da organização criminosa – estava fazendo ali. Teve pouquíssimo tempo, pois, assim que Michael entrou, aquele homem lhe dirigiu a palavra.

– Michael Makoto! – disse ele com certa empolgação no tom da voz. Já há algum tempo não nos víamos – e ao dizer isso, levantava-se do sofá.

– Como vai, senhor? – perguntou Michael com uma nota de educação que não lhe era característica; mas não havia o que fazer, Sir Ektor impunha um respeito espantoso; não medo, como Marinville, mas respeito.

– Estou muito bem, meu jovem. Você se encontra muito atarefado hoje? – perguntou com normalidade.

– Não muito. Eu pensei em praticar alguns exercícios de manipulação de aura, mas era só isso.

– Deveras? Algo urgente?

– Não, senhor. Algo bem cotidiano.

– Excelente! Poderia atender um pedido meu e alterar seus planos de hoje ou eu estaria sendo demasiado egoísta?

– É só dizer que o posso fazer, senhor – Michael não entendia o porquê de estar tão prestativo a um homem de quem ele não se agradava, mas o fato é que aquele homem possuía um ar de tal modo imponente que não se podia ignorar o que ele falava.

– Nada de muito complicado, meu jovem. Simplesmente gostaria de conversar um pouco consigo.

– Conversar comigo? – Michael era traído por si próprio ao deixar transparecer tanta surpresa.

– Sim, conversar consigo. Está tudo bem?

– Tudo muito bem, senhor.

– Excelente, então. Venha comigo.

Sir Ektor dirigiu-se à porta de seu escritório, abriu-a e observou Michael de maneira convidativa até que o jovem Makoto entrou na sala. Era um dos únicos cômodos do castelo que Michael ainda não havia observado por dentro. Sem dúvida, aquele escritório era belo. Mobiliado com muito bom gosto e elegância.

– Sente-se, meu jovem – disse Sir Ektor apontando uma poltrona próxima à escrivaninha.

Além da poltrona na qual Michael agora estava sentado, havia mais duas idênticas a ela. Havia ainda um pequeno sofá que ficava de frente à escrivaninha; por trás da escrivaninha, uma cadeira que poderia muito bem ser um trono. As duas janelas de dois metros de altura – única maneira pela qual Michael já havia observado parte do escritório – ficavam à esquerda da escrivaninha, na parede oposta à da entrada. Mas a atenção de Michael foi atraída para o quadro que estava pendurado na parede atrás da escrivaninha. Tal quadro era uma obra de Tresdent, representava, ao que Michael podia entender, uma visão aérea de York.

– Meu rapaz – iniciou Sir Ektor –, que gostaria de me perguntar?

– O que eu gostaria de perguntar?! – a surpresa, mais uma vez, era notória na face de Michael.

– Exato.

– Não entendo, senhor – respondeu agora contendo um pouco da surpresa.

– O que você não entende?

– O senhor me chamou para ter uma conversa, não entendo o que eu poderia querer perguntar. Pensei que o senhor é que gostaria de perguntar algo.

– No momento não. Tenho a necessidade imediata de lhe tirar suas dúvidas e inquietações. Claro, se me acometer alguma dúvida ou inquietação que você possa me tirar, meu jovem, espero que possa dispor de você prontamente.

– Certamente que pode, senhor.

– Então me diga.

– Minhas dúvidas?

– Sim.

– Não tenho dúvidas, senhor.

– Nenhuma?

– Nenhuma.

– Não tem nenhuma dúvida sobre a Fundação Levine?

– Não.

– Nem sobre a Grey Star?

Michael Makoto sentiu-se paralisado por um instante. Paralisado como o ladrão que é pego com o objeto roubado nas mãos. Percebendo a condição que se encontrava o pobre rapaz, Sir Ektor continuou.

– Ora, acalme-se, meu jovem, acalme-se. Não há uma pessoa nessa propriedade que não conheça a existência da Grey Star. É natural que você também conheça.

– O que o senhor acredita que eu poderia querer perguntar?

– Ora, se as dúvidas são suas, não serei eu que saberei quais são. Apenas pergunte com tranquilidade e franqueza. Não tens nada a temer, Michael Makoto, muito pelo contrário.

– Pelo contrário?

– Sim. Está ao meu serviço, e sabendo mais, me poderá ser mais útil.

– Tudo isso ainda me parece um pouco estranho.

– Tudo o quê?

– Bem, primeiramente o fato de o senhor achar conveniente ter essa conversa comigo, depois, querer unicamente esclarecer-me.

– Repito, tranquilize-se. E agora me ponha a par de suas dúvidas.

Michael parou um instante para refletir. Ainda estava um pouco inquieto com toda a situação em que se encontrava. Não podia deixar de temer um pouco. Será que aquilo fazia parte de algum teste ou coisa do tipo? Por que mais Sir Ektor faria algo assim? Os constantes avisos de seu pai sobre ter cuidado com o que falar pareciam surgir todos de uma vez na mente de Michael agora. Logo ele, que nunca teve medo de falar o que pensa. Mas ele não tardou a entender algo.

Seja um teste ou não. Eu já estou na armadilha, não posso mudar isso. Mas talvez eu possa me aproveitar disso.

– Bem, senhor – começou Michael após sua pausa. Não sei de quase nada sobre a Grey Star. Tudo o que sei é que é uma organização secreta, que a Fundação Levine serve de fachada para ela.

– Não sabia, portanto, que a Grey Star comete o que algumas pessoas consideram crimes?

Mais uma vez, a sentença diretamente pronunciada pelos lábios de Sir Ektor de forma tão normal causou um efeito funesto em Michael. E, mais uma vez, isso não passou despercebido por Sir Ektor.

– Então, sim, você sabe – continuou Sir Ektor. Obviamente, como poderia não saber? Por Deus, você conheceu Marinville enquanto ele pegava uma peça de um museu. Vamos, meu rapaz, pode ser honesto. Não peço que me conte tudo, peço que me pergunte tudo o que quiser.

Michael estava inegavelmente com medo. O que poderia significar tudo aquilo? Ele não podia saber quais as intenções de Sir Ektor. Fosse como fosse, entretanto, era mais que óbvio que uma das coisas que Sir Ektor queria era honestidade. Se era um teste, Michael foi pego mentindo uma vez e “ocultando a verdade” também uma vez. Seria seguro ser pego uma terceira vez?

Por mais paradoxal que possa parecer, foi esse medo que deu coragem ao jovem Makoto. E com essa coragem, oriunda de uma fonte tão pouco usual, ele conseguiu entrar no jogo daquele homem.

– O que é a Grey Star de verdade? – perguntou o jovem rapaz com certa inocência em sua voz;

De pronto, Sir Ektor elaborou uma resposta.

– A Grey Star, meu jovem, é uma organização que, como você mesmo disse, é secreta. Eu não a criei, meu pai foi seu fundador, eu apenas continuo de onde ele parou. O mais importante que tem de ser observado aqui é que a Grey Star tem uma finalidade filantrópica também, por mais estranho que isso possa soar aos seus ouvidos; explicarei melhor, mas saiba, de antemão, que a segunda coisa mais importante que tem de ser observado por si, meu rapaz, é que você não deve falar de tal organização, sob nenhuma hipótese, a quem quer que seja.

Sir Ektor falava tudo com o mesmo tom de voz e a mesma expressão facial que estava ao entrar no seu escritório. Fez uma pequena pausa nesse ponto para ver se

Michael concordava com a última questão. Michael logo fez sinal afirmativo com a cabeça e Sir Ektor continuou.

– Nesse mundo, meu rapaz, a lei nem sempre é justa. Para fazer justiça, muitas vezes, temos de agir fora da lei. A Grey Star faz isso. Não poupamos recursos ou qualquer meio que seja para alcançar nosso objetivo. Se acreditamos que a justiça não está sendo feita em algum local que pode ser atingido por nós, então intervimos.

“Todos os jovens da Fundação Levine devem entender isso. Somos, de certa forma, um exército. Servimos, não a uma nação, servimos ao mundo, ou melhor, às pessoas do mundo.”

Essas palavras pareciam verdadeiras aos ouvidos de Michael, mas ele não perdeu a desconfiança por nenhum momento. Continuava sem saber até que ponto poderia acreditar no que aquele homem dizia. Além disso, ainda que as intenções dele sejam as melhores, quem poderia garantir que os resultados eram?

– Eu sou o líder da Grey Star. Ao meu lado, para me aconselhar e auxiliar, estão Joseph Marinville e Neville Trusten, os quais você já conhece. Os demais instrutores da fundação são todos membros da Grey Star.

– Pensei, senhor, que o Sr. Adams também fazia parte dos seus principais auxiliares.

– Carlin é um homem notável. Ele é um dos que mais se destaca em tudo, portanto, tenho-o em alta conta e ele praticamente é tão influente quanto Neville. Entretanto, nas formalidades, Neville está acima de Carlin.

– Acredito que entendi, senhor.

– E que dúvidas mais teria você, meu rapaz?

Michael hesitou um instante, mas logo pensou consigo que não poderia piorar sua situação sendo mais curioso.

– Gostaria de entender o que é a Fundação Levine – disse o rapaz.

– É exatamente o que se diz dela.

– Mas e para o senhor?

– Ah, para mim? Além de ser um esconderijo para nossas ações reais, é uma ótima maneira de fazer com que uma nova geração surja da maneira correta.

– Notei, senhor, que as regras permitem que os jovens interajam de uma maneira um tanto, se posso dizer assim, descontrolada. Não me entenda mal, uso essa palavra para dizer que agimos sem sermos controlados pelo senhor. Até mesmo lutamos entre nós para decidir grupos quase como partidos políticos.

– Sim, é uma das maneiras que tenho acreditado ser o melhor para os jovens. Isso os prepara para o mundo real. Não adiantaria que fôssemos paternos em excesso, pois os poríamos a perder.

– O senhor acha que isso é o que mais nos faz crescer? Mais nos faz ser melhores?

– Não, é um dos fatores, mas não é o principal.

– Qual é o principal?

– Ah, meu caro, obviamente o amor.

Inexoravelmente, a mente de Michael foi levada até a manhã que passou-se há pouco. Carol Adams surgiu em sua mente.

– Não entende o que quero dizer? – questionou Sir Ektor.

– Sinceramente, não muito bem – respondeu Michael quase como se estivesse um pouco no mundo dos sonhos e um pouco no mundo real.

– As pessoas só se movem por conta da motivação. Tudo o que eu faço é por ser motivado a fazer.

Michael fez sinal de que entendia perfeitamente.

– A motivação surge de duas bases: o desejo de buscar o prazer e o desejo de evitar a dor. Existem várias coisas que podem motivar alguém, mas uma das mais poderosas, talvez até seja a mais poderosa, é o amor. Ao amar, você sente um prazer inexplicável, um prazer de tal forma complexo que anula a maioria das dores. Daí a força motivacional do amor. Por isso, o que é primordial para os jovens da Fundação Levine é amar o que fazem.

Michael estava tentando entender, mas transparecia em seu rosto que não estava tão claro para ele.

– Só existe uma maneira, meu jovem, de amar o que se faz: fazer arte. Cada uma das pessoas que participa da Fundação Levine deve encarar o que faz como uma arte, não como um trabalho. Prezo muitíssimo por isso. É por isso que os desenvolvedores de softwares da fundação são alguns dos melhores do mundo; também os softwares que licenciemos são dos melhores e são uma fonte de renda significativa para a fundação – pois uma porcentagem da licença é revertida para a fundação. É por isso que os nossos pintores e os nossos músicos ganham prêmios todos os anos. É por isso que os nossos atletas se destacam nos maiores eventos do mundo. Compreende?

– Então o senhor nos faz fazer o que gostamos?

– Não. Tentar fazer isso é uma missão demasiado complexa. Existe algo mais simples: transformar aquilo que você faz em uma arte. Faço isso ao ver que você é bom em karatê. Sabendo disso, meu trabalho é transformar todo o ambiente ao seu redor em algo que propicie a você o sentimento de arte na prática do karatê, o sentimento que nutrirá o pensamento “É uma honra e uma alegria imensa poder praticar karatê”. Isso, por fim, leva ao amor pelo karatê.

A mente de Michael Makoto absorveu todas aquelas palavras. Ele mesmo não sabia se entendia tudo o que Sir Ektor lhe falara, mas ele lembrou do sentimento de Carol pela pintura. Para ela, não bastava fazer um quadro belíssimo, ela precisava que o quadro fosse perfeito. Pra ela, era certamente uma dádiva poder retratar algo em uma tela.

– Compreende tudo isso, meu jovem? – perguntou Sir Ektor após um breve instante.

– Acho que sim, senhor.

– Que gostaria mais de perguntar?

– Nada, senhor. Acredito que já perguntei mais do que deveria.

– De maneira nenhuma.

– Não tenho mais dúvidas, senhor.

– Sendo assim, já que eu também não tenho nada a perguntar, podemos dar por encerrada nossa conversa, Michael Makoto.

– O senhor deseja algo mais de mim por enquanto?

– Não, meu rapaz, por enquanto não. Apenas, é claro, que não alimente dúvidas sobre a Fundação Levine ou a Grey Star. Procure-me, se achar que posso esclarecer-lhe algo mais.

– Sim, senhor.

Ao dizer isso, Michael já havia se levantado. Agora já cruzava a porta para o salão e deixava Sir Ektor sozinho em seu escritório.

A mente do pobre rapaz estava nublada de dúvidas e preocupações. É verdade que aprendeu algumas coisas que lhe pareciam bastante lógicas, mas estava preocupado com a finalidade dessa pequena entrevista às avessas que Sir Ektor desejou tanto. Para piorar, teve de lidar com um pensamento que ele não queria ter. Uma ideia que ele não podia acreditar que era verdade. Sir Ektor disse que todos na Fundação Levine conheciam a Grey Star. Para Michael isso significava que Carol sabia de tudo aquilo. O

único pensamento reconfortante era de que ela acreditara na história de filantropia que Sir Ektor enfatizou.

Michael passou meses com esse pequeno temor em sua mente. Nunca, nem por um só segundo, teve coragem de perguntar algo assim diretamente à Carol. Ele tinha de acreditar na inocência, ou na ingenuidade. Não foi a primeira vez que esses pensamentos assaltaram-lhe a mente e não seria a última. Ao menos agora tinha um conforto, ele tinha uma defesa para Carol, ele podia acreditar que ela confia nas boas intenções de Sir Ektor. Ele tinha de confiar nisso.

É claro que sim. É isso!

No entanto, não importando o que ele dizia ou imaginava, quando ficava desprevenido, Michael era acometido por um pensamento que vinha e se esvaía rápido como um relâmpago, mas que começava mais uma vez o ciclo de dúvidas e preocupações. Uma só palavra que fazia com que o pobre rapaz não pudesse se concentrar vivamente no treinamento de manipulação ao qual ele se submeteu já há quase 3 horas. Uma só palavra era sempre o suficiente para começar tudo de novo. Aquela palavra que trazia os pensamentos aterradores: *Será?*

II

Michael Makoto passou a manhã com Carol Adams. Em seguida, ao aproximar-se o meio dia, conversou alguns minutos com Sir Ektor. Quase a totalidade da tarde foi dedicada ao treinamento de manipulação da aura, treinamento que não foi tão produtivo quanto deveria ser, já que a mente do jovem rapaz estava nublada de dúvidas e preocupações – aparentemente, ele ainda não se acostumara com esse estado mental; ou, talvez, os acontecimentos do dia tenham deixado o rapaz num estado sobremaneira perturbador.

Ao bater das 6 horas da tarde, Michael já estava esperando por Carol no salão principal. Passariam a noite juntos no jardim, o qual Carol ainda admirava demasiado. Pouco mais de meia hora depois do bater das 6, Michael e Carol já estavam no jardim, enquanto um homem de quase 2 metros de altura estava adentrando o escritório de Sir Ektor após ser autorizado.

– Aqui estou, Vossa Graça – disse Marinville ao colocar o primeiro pé no escritório.

– Pois bem, Joseph, tudo já está pronto? – questionou Sir Ektor sem mais delongas.

– Amanhã mesmo, senhor.

– Já falou com Satoshi Makoto? Acha que ele vai cooperar?

– Terei uma pequena conversa com ele em uma hora, excelência. No entanto, tenho plena certeza de que ele cooperará.

– Plena certeza?

– Não há uma só dúvida em minha mente – disse Marinville confiante.

Sir Ektor refletiu um pouco. Por fim, continuou.

– Como é possível que possa existir tal gravação, Joseph? Você não inutilizou todas as câmeras?

– Não o fiz pessoalmente, excelência. A habilidade de Gerald era muito mais indicada que a de qualquer outro na fundação. Não sei como qualquer câmera passou despercebida por ele. Acredito, sinceramente, que ela foi colocada de forma a evitar ao máximo ser detectada.

– Se era isso, atingiram o objetivo.

– Por sorte ainda tenho um contato na Interpol que foi capaz de postergar que vissem essa fita. Foi muita sorte. Talvez ela contenha informações que não devem cair de maneira nenhuma nas mãos de qualquer um que não seja um membro da Grey Star.

Sir Ektor mais uma vez refletiu. Marinville não conseguia perscrutar aquele rosto, era por isso que ele precisava adiantar as coisas.

– Quanto aos garotos Makoto, excelência? Que achou?

– Ah, é verdade. Nenhum deles fará nada para nos prejudicar. Estão com medo. No entanto, Joseph, isso não durará. Dou-lhe, pois, um ano. É esse o tempo que você tem para cuidar deles da maneira que acredita ser melhor. Decorrido esse tempo, eu tomarei o caso em minhas mãos. Por mais valiosos que eles sejam, o risco é alto demais. Já alertei todos os membros, você é o único que ainda faltava. Espero, inclusive, que você mantenha os dois olhos em Satoshi Makoto durante todo o tempo em que estiverem fora. Ele tem, simultaneamente, o potencial para facilitar em mil vezes essa missão ou para dificultar em mil vezes toda a nossa existência.

– Pode contar comigo, excelência. Nunca o desapontei e isso não mudará.

– Mantenha-se precavido – insistiu Sir Ektor.

Como se Marinville observasse a porta e Sir Ektor percebesse que ele pensava em se retirar, o nobre continuou.

– Quem mais levará?

– Iremos somente Satoshi Makoto, Carlin Adams e eu.

A nobreza de Sir Ektor, que vivia estampada em seu rosto, deu lugar à surpresa, embora por apenas um instante.

– Acredita que é sábio levar Carlin e Satoshi juntos numa missão? – questionou Sir Ektor.

– Acredito.

– Por que causa?

– Satoshi Makoto pode muito bem ter alguma intenção obscura, mas ficará muito mais intimidado ao lembrar o quanto Carlin é... excêntrico. Isso ajudará a manter o Makoto sob controle.

– Faz sentido. Entretanto, você terá de redobrar sua atenção, ou a missão será convertida em um duelo de morte.

– Cuidarei para que isso não aconteça, excelência.

Sir Ektor soltou um pequeno suspiro e continuou.

– Tenho apenas mais uma coisa a dizer, Joseph.

– Sou todo ouvidos, excelência.

– Se, por um momento que seja, você sentir que Makoto está tramando algo que possa pôr em perigo a nossa existência, não quero que hesite por um segundo em tirá-lo a vida.

Marinville sorriu suavemente.

– Fique descansado, excelência – disse. Não há maneira de Satoshi Makoto me enganar.

– Tenho a impressão, Joseph... – hesitou.

– Sim?

– De que você conhece bem esse homem – ao completar o que dizia, Sir Ektor fitava Marinville de uma maneira inédita.

– Conheço-o, excelência. Conheço-o tão bem que me permito ter a confiança que tenho.

– Que seja. Pode ir, e tome todo o cuidado.

– Tomarei. Retiro-me, Vossa Graça.

Com um aceno de mão, Sir Ektor dispensou Marinville, que agora se encontrava rumo ao salão de festas. Estava começando a ficar ansioso por ter finalmente a conversa que tanto desejava ter com Satoshi Makoto. Embora Sir Ektor, com seu rosto impenetrável que não permitia a Marinville discernir o que se passava naquela mente astuta, tivesse criado um pequeno sentimento de dúvida no coração de Marinville, as coisas pareciam correr exatamente como o previsto.

Amanhã você dará seu primeiro passo decisivo em meu favor, Satoshi. Sei que fará o melhor por seu velho amigo.